

CAPÍTULO 1

Sentado no banco de trás da capela, tinha o olhar fixado no altar, onde a única mulher que eu alguma vez amaria se casava com outro homem.

A Natalie estava vestida de branco, como não podia deixar de ser, deslumbrante ao ponto de me deixar definitivamente arrasado. Na sua beleza sempre coabitara uma fragilidade e uma força serena, e, ali em cima, ela parecia etérea, quase transcendental.

Mordeu o lábio inferior. A minha mente recuou àquelas manhãs preguiçosas em que fazíamos amor e depois ela vestia a minha camisa azul e descíamos para o piso térreo. Sentávamo-nos na copa a ler o jornal e, a dada altura, ela pegava no seu bloco e começava a fazer esboços. Enquanto me desenhava, mordía o lábio tal como fazia agora.

Duas mãos estenderam-se para o meu peito, agarraram-me o coração frágil e partiram-no em dois.

Porque tinha vindo?

Acreditam no amor à primeira vista? Nem eu. Acredito, porém, na absoluta e mais-do-que-apenas-física atração à primeira vista. Acredito que, de longe a longe — uma, talvez duas vezes em toda uma vida —, nos sentimos atraídos por alguém de uma forma tão profunda, tão primordial, tão imediata — como por uma força mais intensa do que a magnética. Foi assim que aconteceu com a Natalie. Por vezes, tudo se resume a isso. Por vezes, cresce e a chama intensifica-se e transforma-se num glorioso inferno que sabemos que é real e está destinado a durar para sempre.

E, por vezes, deixamo-nos levar pela ilusão de que a atração inicial é eterna.

Ingenualmente, pensava que conosco seria para sempre. Eu, que na verdade nunca acreditara em compromissos e sempre fizera tudo ao meu alcance para escapar aos seus grilhões, percebi de imediato

— bom, no espaço de uma semana, para ser franco — que esta era a mulher ao lado da qual iria acordar todos os dias. Que esta era a mulher que protegeria com a minha vida. Que esta era a mulher — sim, tenho noção de como isto soa lamechas — sem a qual não conseguiria fazer nada, a mulher capaz de transformar a mais banal das coisas em algo sublime.

Tão piroso que até enjoa, não é verdade?

Um pastor de cabeça cuidadosamente rapada estava a falar, porém o sangue que me latejava nos ouvidos não me permitia distinguir as palavras que dizia. Fixei-me na Natalie. Queria que ela fosse feliz. Não se tratava de conversa fiada, da mentira que muitas vezes dizemos a nós mesmos, porque, na verdade, se a nossa amada não nos quer, desejamos que ela seja infeliz, não é? Se, no meu íntimo, acreditasse que a Natalie seria mais feliz sem mim, deixá-la-ia partir, por muito devastador que isso fosse. No entanto, não acreditava que seria mais feliz, apesar do que ela tinha dito e feito. Ou talvez isto não passe de mais um mecanismo de defesa ilusório, de mais uma mentira que dizemos a nós mesmos.

A Natalie não me dirigiu um único olhar, mas apercebi-me de uma certa tensão em redor da sua boca. Ela sabia que eu estava presente. Mantinha-se de olhos fixos no futuro marido. O nome dele, descobrira há pouco tempo, era Todd. Detesto o nome Todd. Todd. Provavelmente tratavam-no por «Todd Queridinho» ou «Todd Maioral» ou «Todd Giraço».

O cabelo de Todd era demasiado longo, e usava aquela barba de quatro dias que algumas pessoas consideravam um traço moderno e arrojado e outras, como eu, achavam merecedora de um valente soco. Os olhos dele percorreram, serena e altivamente, os convidados até se deterem... bom, em mim. Assim se mantiveram por breves instantes, avaliando-me antes de decidirem que eu não era digno do seu tempo.

Porque tinha a Natalie voltado para ele?

A dama de honor era a irmã da Natalie, Julie. Estava postada ao lado do altar, com um ramo de flores nas mãos e um sorriso mortiço e robótico nos lábios. Nunca nos tínhamos conhecido, mas vira fotografias dela e ouvira as duas irmãs falar ao telefone. Também Julie parecia estupefacta com este acontecimento. Tentei que os nossos olhos se cruzassem, mas o seu olhar ausente e siderado persistia.

Voltei a concentrar-me no rosto da Natalie, e era como se pequenos explosivos detonassem no meu peito. Bum, bum, bum. A minha vinda

tinha sido uma má ideia. Quando o padrinho de casamento revelou os anéis, os meus pulmões começaram a comprimir-se. Era-me difícil respirar.

Basta.

Tinha comparecido para ver com os meus próprios olhos, acho. Descobrira, da pior maneira, que precisava disso. O meu pai morreu de enfarte do miocárdio há cinco meses. Nunca tinha tido problemas cardíacos e tudo indicava que estaria em boa forma. Lembrei-me de quando estava sentado na sala de espera, de ser chamado ao gabinete do médico para me comunicarem a devastadora notícia — e de depois me perguntarem, tanto lá como na casa funerária, se queria ver o corpo. Declinei. Entendi que não queria recordá-lo estendido numa maca ou num caixão. Recordá-lo-ia tal como ele tinha sido.

Mas, à medida que o tempo foi passando, comecei a ter dificuldades em aceitar a sua morte. Era uma pessoa tão animada, tão enérgica. Dois dias antes de ter morrido, tínhamos ido a um jogo de hóquei dos New York Rangers — o meu pai tinha bilhetes para toda a temporada —, e o jogo estava no prolongamento e gritámos e aplaudimos e, bom, como podia ele estar morto? Parte de mim começou a perguntar-se se porventura fora cometido um erro ou se tudo não passava de um enorme embuste e o meu pai talvez ainda estivesse vivo algures. Sei que isto não faz qualquer sentido, mas o desespero pode pregar-nos partidas e, se lhe dermos a mínima margem de manobra, tratará de arranjar sempre respostas alternativas.

Uma parte de mim vivia assombrada pelo facto de nunca ter visto o corpo do meu pai. Não queria cometer o mesmo erro agora. Mas, para dar continuidade a esta metáfora frouxa, tinha acabado de ver o cadáver. Não havia razão para lhe verificar o pulso ou espetar-lhe um dedo ou permanecer junto dele mais tempo do que o necessário.

Tentei que a minha saída passasse o mais despercebida possível, o que não é tarefa fácil quando se tem um metro e noventa e oito e a compleição «de um lenhador», para usar a expressão da Natalie. Tenho umas mãos grandes. A Natalie adorava-as. Segurava-as nas dela e percorria com o dedo as linhas da minha palma. Dizia que eram mãos a sério, mãos de homem. Também as desenhara porque, dizia ela, contavam a minha história — a minha educação proletária, a licenciatura na Universidade de Lanford conseguida graças ao meu emprego como segurança numa discoteca local, e também, de certo modo, o facto de agora ser o mais jovem professor no departamento de ciência política.

Dando passos vacilantes, saí da pequena capela branca e enfrentei o cálido ar estival. O verão. Ter-se-ia tudo resumido a isso? A uma aventura de verão? Em vez de dois miúdos tomados de desejo à procura de ação na colónia de férias, éramos dois adultos à procura de solidão naquele retiro — ela, para fazer a sua arte; eu, para escrever a minha dissertação sobre ciência política —, que se conheceram e se perderam de amores e, agora que setembro se aproximava, bem, todas as coisas boas têm um fim. A nossa relação tinha essa dimensão irreal, em que ambos nos afastávamos das nossas vidas normais e de toda a mundanidade que isso comportava. Talvez fosse essa a razão que a tornara tão incrível. Talvez o facto de passarmos todo o nosso tempo nessa bolha desligada da realidade tivesse tornado a nossa relação melhor e mais intensa. Ou talvez tudo não passasse de um monte de disparates que dizia a mim mesmo.

Ouvi vivas e aplausos do outro lado da porta da capela — o que me arrancou do estado de letargia. A cerimónia tinha terminado. Todd e a Natalie eram agora o Sr. e a Sra. Cara-com-Barba-de-Quatro-Dias. Não tardariam a atravessar a nave central. Perguntei-me se lhes atirariam arroz. Todd provavelmente não ia gostar disso. Desarranjar-lhe-ia o penteado e os grãos ficariam presos na barba.

Tal como antes, não precisava de ver mais.

Dirigi-me para as traseiras da capela branca, desaparecendo da vista no preciso instante em que as portas se abriram. Olhei para a clareira. Não havia nada lá, apenas, bom, uma clareira. Viam-se árvores na lonjura. As cabanas ficavam do outro lado da colina. A capela fazia parte do retiro artístico em que a Natalie participava. A minha situava-se ao fundo da estrada, num retiro para escritores. Ambos os retiros se localizavam em velhas quintas do estado do Vermont que ainda se dedicavam ao cultivo orgânico.

— Olá, Jake.

Voltei-me na direção da voz familiar. Postada a não mais de dez metros de mim, ali estava a Natalie. Relanceei os olhos ao anel que usava no dedo anelar esquerdo. Como se me lesse os pensamentos, ergueu a mão para me mostrar a nova aliança de casamento.

— Parabéns — disse-lhe. — Estou muito feliz por ti.

Ignorou o comentário. — Nem acredito que estás aqui.

Abri os braços. — Ouvi dizer que iam servir acepipes excelentes. Não fui capaz de resistir.

— Que engraçadinho.

Encolhi os ombros enquanto o meu coração se transformava em pó e era levado por um sopro.

— Toda a gente dizia que tu não virias — disse a Natalie. — Mas eu sabia que vinhas.

— Ainda te amo — disse-lhe.

— Eu sei.

— E tu ainda me amas.

— Já não te amo, Jake. Estás a ver isto?

Agitou o dedo com o anel à frente da minha cara.

— Querida? — Todd mais os seus pelos faciais surgiram na esquina. Viu-me e franziu o sobrolho. — Quem é ele?

Mas era óbvio que sabia.

— Jake Fisher — apresentei-me. — Parabéns pelas núpcias.

— De onde é que o conheço?

Deixei que fosse a Natalie a responder. Pousou uma mão reconfortante no ombro dele e disse: — O Jake tem posado como modelo para muitos de nós. Talvez o reconheças de algum dos nossos trabalhos.

Todd continuou de sobrolho franzido. A Natalie colocou-se à sua frente e disse: — Dás-nos só um segundo, por favor? Vou já ter contigo.

Todd fitou-me. Não me mexi. Não recuei. Não desviei o olhar.

Contrariado, respondeu: — OK. Mas não te demores.

Lançou-me mais um olhar severo e contornou a capela no sentido inverso. A Natalie olhou para mim. Apontei na direção do local onde Todd tinha desaparecido.

— Parece ser um tipo divertido — disse-lhe.

— Porque é que vieste?

— Precisava de te dizer que te amo — respondi. — Precisava de te dizer que vou amar-te sempre.

— Acabou tudo, Jake. Segue com a tua vida. Vais ficar bem.

Não disse nada.

— Jake?

— Sim?

Inclinou a cabeça um tudo-nada. Ela sabia o efeito que esse gesto tinha sobre mim. — Promete-me que nos vais deixar em paz.

Limitei-me a ficar ali especado.

— Promete-me que não nos vais seguir nem telefonar, nem sequer enviar mensagens de correio eletrónico.

A dor no meu peito intensificou-se. Transformou-se numa coisa afiada e pesada.

— Promete-me, Jake. Promete-me que nos vais deixar em paz.

Os olhos dela cravaram-se nos meus.

— OK — disse-lhe. — Prometo.

Sem acrescentar uma única palavra, a Natalie afastou-se, de regresso à entrada da capela, para junto do homem com quem acabara de casar. Permaneci ali por momentos, tentando recuperar o fôlego. Tentei enfurecer-me, tentei fazer pouco caso do assunto, tentei descartá-lo e dizer-lhe que quem ficava a perder era ela. Tentei tudo isso, e depois tentei inclusive encarar a questão com maturidade, mas sabia que tudo isto não passava de uma técnica de evasão para não ter de encarar o facto de que seria para sempre um homem de coração destroçado.

Mantive-me ali, atrás da capela, até achar que todos já teriam ido embora. Depois, voltei para a entrada. O pastor de cabeça rapada estava no exterior, nos degraus. Tal como a irmã da Natalie, Julie, que me pôs uma mão no braço. — Está tudo bem?

— Tudo ótimo — respondi-lhe.

O pastor sorriu-me. — Está um belo dia para um casamento, não acha?

Pestanejei contra a luz do Sol. — Presumo que sim — disse-lhe, após o que me afastei.

Faria o que a Natalie me pedira. Deixá-la-ia em paz. Pensaria nela todos os dias, mas nunca lhe telefonaria nem tentaria procurá-la, nem utilizaria a Internet para obter informações sobre ela. Manteria a minha promessa.

Durante seis anos.

CAPÍTULO 2

SEIS ANOS MAIS TARDE

A maior mudança na minha vida, apesar de na altura não ter como o saber, chegaria algures entre as 15h29 e as 15h30.

A minha aula sobre política do raciocínio moral à turma do primeiro ano acabara de terminar. Saía de Bard Hall. O dia prestava-se ao lazer no *campus*. O sol resplandecia nesta tarde fresca do Massachusetts. No pátio relvado quadrangular decorria um jogo de *ultimate frisbee*¹. Os estudantes encontravam-se dispersos por toda a parte, como se espalhados por uma mão gigante. Música ressoava. Era como se a brochura de um *campus* de sonho tivesse ganhado vida.

Adoro dias assim. Mas, na verdade, quem não adora?

— Professor Fisher?

Voltei-me na direção da voz. Sete estudantes estavam sentados na relva em semicírculo. A rapariga que falara estava no meio.

— Não se quer juntar a nós? — perguntou.

Declinei o convite com um aceno de mão e um sorriso. — Obrigado, mas tenho de ir trabalhar para o gabinete.

Continuei a andar. Mesmo que não tivesse nenhum afazer, não teria ficado, embora tivesse adorado sentar-me com eles num dia tão glorioso — quem não adoraria? São ténues as linhas que separam o professor do aluno e, por muito cruel que isto possa soar, lamento dizer que não queria ser *esse* professor, se é que me faço entender, o professor que convive um pouco mais do que deveria com os alunos e frequenta as festas ocasionais da associação de estudantes e talvez até lhes

¹ Desporto coletivo praticado com um disco. O objetivo consiste em marcar pontos lançando o disco para um colega de equipa posicionado na área do adversário. (NT)

oferece uma cerveja à entrada de um jogo de futebol americano. Um professor deve ser prestável e acessível, mas não deve ser camarada nem pai.

Quando cheguei à Clark House, a Sra. Dinsmore saudou-me com um familiar olhar carrancudo. A Sra. Dinsmore, a clássica megera, era a rececionista do departamento de ciência política desde, creio, a administração Hoover. Tinha pelo menos duzentos anos, mas a impaciência e intratabilidade que a caracterizavam equivaliam à de alguém com apenas metade da idade.

— Boa tarde, brasa — disse-lhe. — Alguma mensagem?

— Na sua secretária — disse a Sra. Dinsmore. Até na voz era austera. — E à porta do seu gabinete está a habitual fila de alunos.

— OK, obrigado.

— Aquilo ali atrás parece uma audição para as Rockettes.

— Já percebi.

— O seu antecessor nunca se mostrou tão acessível.

— Oh, por favor, senhora Dinsmore. Quando eu era aluno, passava a vida a ir ao gabinete dele.

— Sim, mas pelo menos os seus calções tinham um comprimento apropriado.

— E isso deixava-a um pouco desapontada, confesse lá.

A Sra. Dinsmore esforçou-se ao máximo por conter um sorriso. — Suma da minha vista, mas é.

— Admita lá.

— Quer levar com um pontapé no meio das pernas? Ponha-se a andar.

Atirei-lhe um beijo e segui pela entrada das traseiras de modo a evitar a fila de alunos que se tinham juntado para o horário de atendimento de sexta-feira. Tenho duas horas de atendimento «não agendado» todas as sextas-feiras entre as quinze e as dezassete horas. Portas abertas, nove minutos por estudante, sem hora estipulada, sem marcação prévia. Bastava aparecer, e o primeiro a chegar era o primeiro a ser atendido. O tempo é rigorosamente cumprido. Cada um dispõe de nove minutos — nem mais, nem menos —, ao que acresce um minuto para sair e permitir que o aluno seguinte ocupe o lugar. Se algum deles precisar de mais tempo ou se eu for o orientador da tese que está a redigir ou coisa que o valha, a Sra. Dinsmore marca uma reunião mais longa.

Às quinze horas em ponto, deixei entrar a primeira aluna. Queria debater teorias em torno de Locke e Rousseau, dois cientistas políticos

mais conhecidos nos dias de hoje pelas suas reencarnações na série televisiva *Lost* do que pelas suas teorias filosóficas. A segunda aluna não tinha nenhuma verdadeira razão para aqui estar, a não ser — e digo-o sem rodeios — para dar graxa. Havia alturas em que me apetecia erguer uma mão e dizer: «Em vez desse palavreado, para a próxima traz-me antes uns biscoitos», mas compreendo. A terceira aluna estava em modo de adulação servil por causa de uma nota; isto é, entendia que o trabalho ao qual lhe tinha atribuído um 17 era merecedor de um 18, quando na verdade a nota mais justa talvez tivesse sido um 16.

Era isto o que acontecia. Uns apareciam-me no gabinete para aprender, outros para impressionar, alguns para bajular e outros para cavaquear — por mim, não havia problema algum. Não faço juízos com base nestas visitas. Isso seria errado. Todos os alunos que atravessam aquelas portas são tratados da mesma maneira, porque estamos aqui para *ensinar*, se não for ciência política, talvez uma ou outra coisa sobre pensamento crítico ou mesmo — surpresa! — sobre a vida. Se os estudantes nos chegassem totalmente formados e sem inseguranças, para que serviríamos nós?

— Ficas com dezassete — disse quando ela terminou o seu discurso persuasor. — Mas aposto que conseguirás subir a nota no próximo trabalho.

A campanha do relógio soou. Sim, tal como disse, sou muito rigoroso nesta questão do tempo. Eram agora exatamente 15h29. Foi graças a isso que, quando rememorei tudo o que haveria de acontecer, fiquei a saber com exatidão o momento em que tudo começara — entre as 15h29 e as 15h30.

— Obrigada, professor — replicou, levantando-se para sair. Levantei-me ao mesmo tempo que ela.

O meu gabinete não sofrera a mais pequena alteração desde que me tinha tornado diretor do departamento, quatro anos atrás, ocupando o lugar do meu antecessor e mentor, o professor Malcolm Hume, secretário de Estado num governo, chefe do Estado-Maior noutro. Ainda preservava a maravilhosa essência nostálgica da desordem académica — globos antigos, livros de grande dimensão, manuscritos amarelados, pósteres a descolar da parede, retratos emoldurados de homens com barba. Não havia qualquer secretária no compartimento, apenas uma enorme mesa de carvalho onde cabiam doze pessoas, precisamente o número de alunos cuja dissertação final de curso eu orientava.

Estava tudo atravancado. Não me dera ao trabalho de redecorar o espaço, não tanto em honra do meu mentor, como a maior parte das pessoas achava, mas porque: primeiro, era preguiçoso e não me sentia inclinado a empreender esse esforço; segundo, não tinha aquilo a que se pudesse chamar um estilo pessoal ou retratos de família para colocar e não ligava nada àquele disparate de que «o gabinete é o reflexo de um homem», ou, se ligava, então este era de facto o homem refletido; e, terceiro, sempre achei que a desordem propiciava a expressão individual. Existe nos ambientes estéreis e na organização algo que inibe a espontaneidade do estudante. A desordem parece acolher bem a livre expressão dos meus alunos — o espaço já é confuso e desarrumado, parecem pensar, portanto que mal podem as minhas ideias ridículas fazer?

Mas devia-se, sobretudo, ao facto de eu ser preguiçoso e não querer dar-me a esse trabalho.

Ambos nos levantámos da enorme mesa de carvalho e demos um aperto de mão. Ela segurou a minha um segundo mais do que o necessário, pelo que me apressei a soltá-la. Não, isto não acontece sempre. Mas acontece. Tenho 35 anos, mas quando comecei a dar aulas aqui — era eu um jovem professor na casa dos 20 — acontecia com mais frequência. Lembram-se daquela cena no filme *Os Salteadores da Arca Perdida* em que uma aluna escreveu «AMO-TE» nas pálpebras? Algo semelhante se passou comigo no meu primeiro semestre. Com a diferença de que o verbo não era «AMAR» e o pronome fora alterado de «TE» para «ME». Não me vanglorio por isso. Nós, professores, estamos numa posição de considerável poder. Os homens que se deixam levar por isso ou que se acham de algum modo merecedores de tal atenção (não que eu seja sexista, mas acontece quase sempre aos homens) são, por norma, mais inseguros e carentes do que qualquer colegial que tem uma relação problemática com o pai.

Enquanto me sentava e esperava pela chegada do aluno seguinte, olhei para o computador no lado direito da mesa. A página inicial do sítio da universidade estava aberta. Era a típica página de qualquer universidade, suponho. À esquerda, desfilava uma série de imagens retratando a vida universitária: estudantes de todas as raças, credos, religiões e géneros em consciencioso deleite, interagindo entre si, com professores, envolvidos em atividades extracurriculares, esse tipo de coisas. No cabeçalho da página figuravam o logótipo da universidade

e os edifícios mais reconhecíveis, incluindo a prestigiada Capela Johnson, uma versão em larga escala da capela onde assistira ao casamento da Natalie.

Do lado direito do ecrã, havia um espaço dedicado a notícias da universidade, e nesse instante, enquanto Barry Watkins, o aluno seguinte da lista, entrava no gabinete e dizia: «Então, prof, como é que vão as coisas?», reparei num obituário que me prendeu a atenção.

— Olá, Barry — respondi, ainda de olhos postos no ecrã. — Senta-te.

Assim fez, lançando os pés sobre a mesa. Sabia que eu não me importava. Barry aparecia todas as semanas. Falávamos de tudo e de nada. As suas visitas eram mais uma terapia de descompressão do que uma reunião sobre algum tema no âmbito da esfera académica, mas por mim não havia problema nenhum.

Olhei com mais atenção para o ecrã. O que me captara a atenção fora a pequena fotografia tipo passe do falecido. Não o reconhecia — não àquela distância —, mas parecia jovem. De certo modo, isso não era incomum nos obituários. Muitas vezes, a universidade, em vez de procurar uma fotografia mais recente, usava a que fora incluída no livro de curso do falecido, mas aqui, mesmo com um simples olhar de relance, percebi que não era esse o caso. O corte de cabelo não era típico das décadas de 1960 ou 1970, por exemplo. A fotografia tão-pouco era a preto e branco, um traço característico dos livros de curso que se manteve até 1989.

Ainda assim, a nossa universidade era pequena — cerca de quatrocentos alunos por curso. A morte não era incomum, mas talvez por causa da dimensão da universidade ou da minha ligação estreita à instituição, tanto enquanto aluno como elemento do corpo docente, sentia sempre uma espécie de proximidade afetiva quando alguém daqui morria.

— Ei, prof?

— Dá-me só um segundo, Barry.

Estava agora a roubar-lhe o tempo a que tinha direito. Utilizo um painel-cronómetro portátil, daqueles que se vê nos recintos de basquetebol espalhados por todo o país, com gigantescos números digitais de cor vermelha. Fora-me oferecido em tempos por um amigo, que, por causa da minha altura, presumira que eu tinha sido jogador de basquetebol. Equivocara-se, mas, em todo o caso, adorava o cronómetro. Uma vez que estava programado para a contagem decrescente de séries de nove minutos, via agora que íamos nos 8:49.

Cliquei na pequena fotografia. Quando surgiu ampliada, consegui conter o arquejo de estupefação.

O nome do falecido era Todd Sanderson.

O último nome de Todd tinha-me desaparecido da memória — o convite de casamento dizia apenas «Núpcias do Todd e da Natalie» —, mas, diabos me levem, conhecia bem o rosto. Lá se tinha ido a moderna e arrojada barba de quatro dias. Nesta fotografia aparecia barbeado e com o cabelo cortado quase rente. Perguntei-me se teria sido por influência da Natalie — sempre se queixara de que a minha barba por fazer lhe irritava a pele —, e depois perguntei-me por que razão estava eu a ter um pensamento tão estúpido.

— O tempo está a passar, prof.

— Dá-me só um segundo, Barry. E não me trates por prof.

A idade indicada era de 42 anos. Um pouco mais velho do que eu esperava. A Natalie tinha 34, apenas menos um do que eu. Pensava que Todd teria uma idade mais próxima da nossa. De acordo com o obituário, Todd tinha sido considerado o melhor *tight end*² na sua equipa de futebol americano e fora finalista da bolsa de estudo Rhodes. Admirável. Licenciara-se com distinção e louvor no departamento de história, fundara uma instituição de caridade chamada Começar de Novo e, durante o seu ano de finalista, fora presidente da Psi U, a minha república.

Todd não só era um antigo aluno da minha escola, como pertencêramos à mesma república. Como é que eu não sabia de nada disso?

Havia mais, muito mais, mas saltei para o último parágrafo:

O serviço fúnebre realizar-se-á no próximo domingo em Palmetto Bluff, na Carolina do Sul, perto de Savannah, na Geórgia. Sobreviveram ao Sr. Sanderson a esposa e os dois filhos.

Dois filhos?

— Professor Fisher?

Havia algo de estranho na voz de Barry.

— Desculpa, estava só...

— Não, não precisa de pedir desculpa. Mas está tudo bem consigo?

— Sim, estou ótimo.

² No futebol americano, jogador da linha ofensiva cujo papel é fulcral no equilíbrio tanto dos processos ofensivos como dos defensivos. (NT)

— Tem a certeza? Está pálido. — Barry firmou as sapatilhas no chão e pôs as mãos em cima da secretária. — Ouça, posso voltar noutra altura.

— Não — disse-lhe.

Desviei a atenção do ecrã. Teria de esperar. O marido da Natalie tinha morrido jovem. Era triste, sim, trágico até, mas eu não tinha nada a ver com isso. Não era razão para cancelar o trabalho ou causar incómodo aos meus alunos. Claro que me tinha deixado atordoado — não só a morte de Todd, mas também o facto de ter frequentado a minha *alma mater*. De certo modo, tratava-se de uma coincidência bizarra, creio, mas não de uma revelação extraordinária.

Talvez a Natalie simplesmente gostasse de homens que tivessem estudado na Universidade de Lanford.

— Então, que me contas? — perguntei a Barry.

— Conhece o professor Byrner?

— Claro.

— É um autêntico pau-mandado.

De facto, era, mas eu não o iria verbalizar. — Qual é o problema?

Não tinha visto a causa da morte no obituário. Era frequente não aparecer quando se tratava de alguém do *campus*. Voltaria a ver mais tarde. Se não estivesse ali, talvez conseguisse encontrar um obituário mais completo na Internet.

Mas, pensando bem, porque é que eu haveria de querer saber mais? Que diferença fazia?

O melhor seria manter-me afastado disto.

Fosse como fosse, teria de esperar pelo final do atendimento aos alunos. Terminei a reunião com Barry e prossegui com o meu compromisso. Tentei afastar da mente os pensamentos relacionados com o obituário e concentrar-me nos alunos que faltavam. Estava em baixo de forma, mas os alunos não tinham a menor consciência disso. Os alunos não conseguem conceber que os professores têm vidas reais, do mesmo modo que não conseguem conceber que os pais deles fazem sexo. Por um lado, não há problema algum nisso. Mas, por outro, estou sempre a lembrar-lhes que devem ser capazes de ver para lá de si mesmos. Parte da condição humana consiste em todos pensarmos que somos singularmente complexos enquanto todos os outros são mais fáceis de ler. Isso não é verdade, como é evidente. Todos temos os nossos sonhos e esperanças e vontades e concupiscências e desgostos. Todos temos na pele a nossa marca de louco.

A minha mente divagava. Via os números do cronómetro sucederem-se vagarosamente como se fosse o aluno mais entediado na mais entediante das aulas. Quando bateram as dezassete horas, regressei ao monitor do computador. Abri o obituário de Todd Sanderson em ecrã inteiro.

A causa da morte não era indicada.

Curioso. Por vezes, era possível encontrar alguma pista na área de donativos sugerida: por exemplo, em vez de enviarmos flores, era-nos solicitado que fizéssemos um donativo para a Sociedade Americana do Cancro ou algo parecido. Mas não havia qualquer indicação. Tão-pouco era feita menção à profissão de Todd, mas, pensando bem, que importância tinha isso?

As portas do meu gabinete abriram de par em par, e o Benedict Edwards, professor no departamento de humanidades e o meu amigo mais chegado, entrou. Não se deu ao trabalho de bater, mas a verdade é que nunca o fizera nem sentira necessidade disso. Encontrávamo-nos com frequência às dezassete horas de sexta-feira para irmos a um bar onde tinha trabalhado como segurança nos meus tempos de estudante. Nessa altura, era novo e reluzente e estava na berra. Agora estava envelhecido e degradado e tão na berra quanto as cassetes Betamax.

O Benedict era basicamente o meu oposto físico — minúsculo, franzino e afro-americano. Os olhos eram ampliados por um par de óculos gigantes à Homem-Formiga que se pareciam com os óculos de segurança do departamento de química. O bigode exagerado e a carapinha demasiado efeminada certamente tinham sido inspirados em Apollo Creed³. Tinha os dedos finos de uma pianista, pés de fazer inveja a qualquer bailarina, e nem um cego o confundiria com um lenhador.

Apesar disso — ou talvez por causa disso —, o Benedict também era um engatão de primeira e seduzia mais mulheres do que um músico de *rap* com um êxito radiofónico.

— O que é que se passa? — perguntou o Benedict.

Pulei o «Nada» ou o «Como é que sabes que se passa alguma coisa?» e fui direto ao assunto: — Já ouviste falar num tipo chamado Todd Sanderson?

— Acho que não. Quem é?

— Um ex-aluno. O obituário dele está na Internet.

³ Personagem da saga de filmes *Rocky*. (NT)

Rodei o monitor para que pudesse ver. O Benedict ajustou os óculos redondos. — Não o reconheço. Porque é que perguntas?

— Lembras-te da Natalie?

Uma sombra atravessou-lhe o rosto. — Já não te ouvia dizer o nome dela há...

— Pois, pois. Adiante, este é, ou era, o marido dela.

— O tipo por quem ela te trocou?

— Sim.

— E agora está morto.

— Pelos vistos.

— Portanto — disse o Benedict, arqueando uma sobrancelha —, ela está outra vez descomprometida.

— Muito sensível da tua parte.

— Estou preocupado. És o meu principal cúmplice no engate. Eu tenho a lábia que as mulheres adoram, claro, mas tu tens a boa aparência. Não te quero perder.

— Muito sensível da tua parte — repeti.

— Vais telefonar-lhe?

— A quem? — perguntei.

— À Condoleezza Rice. À Natalie, quem mais haveria de ser?

— Vou, claro. Digo-lhe qualquer coisa como: «Olá, o tipo por quem me trocaste está morto. Que me dizes a uma ida ao cinema?»

O Benedict lia o obituário. — Espera.

— O que é?

— Diz aqui que ela tem dois filhos.

— E?

— Isso complica as coisas.

— Importas-te de parar com isso?

— Quer dizer, dois filhos. É possível que ela agora esteja gorda.

— O Benedict fixou-se em mim com os seus olhos ampliados. — Qual será o aspeto da Natalie agora? Quer dizer, dois filhos. Provavelmente está um bocadinho prò cheiinha, não?

— Como é que eu hei de saber?

— Hum, da mesma maneira que toda a gente: Google, Facebook, esse tipo de coisas.

Abanei a cabeça. — Não fiz isso.

— O quê? Toda a gente faz isso. Que diabo, eu faço isso com todas as minhas antigas amantes.

— E a Internet suporta esse volume de tráfego?

O Benedict exibiu um sorriso rasgado. — Na verdade, preciso de um servidor próprio.

— Pá, espero que isso não seja um eufemismo.

No entanto, notei uma certa tristeza por trás daquele sorriso. Lembrei-me de um episódio num bar em que apanhei o Benedict, podre de bêbado, a olhar para uma fotografia já gasta que guardava na carteira. Perguntei-lhe quem era. «A única rapariga que alguma vez amarei», respondeu-me numa voz arrastada e quase impercetível. A seguir, enfiou a fotografia atrás do cartão de crédito e, apesar das minhas indiretas, nunca mais disse uma única palavra sobre o assunto.

Nessa altura, ostentava o mesmo sorriso triste.

— Prometi à Natalie — disse-lhe.

— Prometeste-lhe o quê?

— Que ia deixá-los em paz. Que eles não voltariam a ver-me nem a ouvir falar de mim.

O Benedict considerou as minhas palavras. — Pelos vistos, mantiveste a promessa, Jake.

Não disse nada. O Benedict tinha mentido momentos antes. Não espreitava as páginas do Facebook de antigas namoradas, ou, se o fazia, não era movido por um particular entusiasmo. No entanto, uma ocasião, quando lhe entrei pelo gabinete adentro — tal como ele, nunca batia à porta —, vi-o usar o Facebook. Relanceei os olhos pelo ecrã e reparei que a página que estava aberta pertencia à mesma mulher cuja fotografia o Benedict guardava na carteira. Apressou-se a fechar o programa de navegação, mas aposto que consultava aquela página com frequência. Todos os dias, aliás. Aposto que olhava para cada nova fotografia da única mulher que alguma vez tinha amado. Aposto que agora olhava para a vida dela, talvez para a família, para o homem com quem ela partilhava a cama, e se fixava nesses retratos do mesmo modo que se fixava na fotografia que trazia na carteira. Não tenho nenhuma prova disso, apenas uma intuição, mas creio que não estarei muito longe da verdade.

Como disse anteriormente, todos temos na pele a nossa marca de louco.

— Onde é que queres chegar? — perguntei-lhe.

— Só te estou a dizer que essa coisa do «eles» acabou.

— A Natalie não faz parte da minha vida há muito tempo.

— Acreditas mesmo nisso? — perguntou o Benedict. — Também te obrigou a prometer que esquecesses os teus sentimentos?

— Julgava que tinhas receio de perder o teu principal cúmplice no engate.

— Não és assim tão bem-parecido.

— Cabrão malvado.

Pôs-se de pé. — Nós, professores de humanidades, sabemos tudo.

E saiu do meu gabinete. Levantei-me e aproximei-me da janela. Olhei para o *campus*. Observei os estudantes a passar e, como era comum acontecer-me quando me via confrontado com uma situação da vida real, perguntei-me que conselho daria a um deles acaso estivessem no meu lugar. De repente, sem aviso, tudo me assomou em torrente ao pensamento — aquela capela branca, o penteado que ela usava, o modo como agitara o dedo com o anel, toda a dor, a carência, as emoções, o amor, o sofrimento. Os meus joelhos cederam. Julgava que já não transportava dentro de mim a paixão secreta por ela. A Natalie esmagara-me, mas eu tinha recolhido os cacós, recuperara e seguira com a minha vida.

Que estupidez ter tais pensamentos agora. Que egoísta. Que inapropriado. A mulher acabara de perder o marido, e eu, como imbecil que sou, estava preocupado comigo. Ignora isso, disse a mim próprio. Esquece o assunto e esquece-a a ela. Segue em frente.

Mas não era capaz. Simplesmente não era feito dessa matéria.

A última vez que vira a Natalie tinha sido num casamento. Agora vê-la-ia num funeral. Algumas pessoas achariam isso irónico — mas eu não era uma delas.

Voltei para junto do computador e reservei um voo para Savannah.

CAPÍTULO 3

O primeiro sinal de que algo não batia certo ocorreu durante o elogio fúnebre.

Palmetto Bluff não era propriamente uma cidade, mas um gigantesco bairro residencial delimitado. O recém-edificado «povoado» era bonito, limpo, bem preservado, fiel do ponto de vista histórico — atributos que conferiam ao lugar o toque de insipidez e artificialidade característicos do parque temático Epcot do Walt Disney World. Tudo parecia demasiado perfeito. A reluzente capela branca — sim, mais uma — repousava num cabo tão pitoresco que parecia, bom, uma pintura. O calor, porém, era bem real — uma coisa viva e que respirava, com uma humidade tão espessa que tinha de ser atravessada como uma cortina de contas.

Um novo momento fugaz de racionalidade fez-me questionar por que motivo tinha vindo aqui, no entanto afastei-o com um soco. Agora estava aqui, de modo que a pergunta era irrelevante. A fachada da hospedaria em Palmetto Bluff parecia retirada de um filme. Entrei no simpático bar e pedi um uísque escocês sem gelo a uma empregada gira.

— Veio por causa do funeral? — perguntou.

— Sim.

— Uma tragédia.

Fiz que sim com a cabeça e fixei-me na minha bebida. A empregada gira apercebeu-se da intenção do gesto e não disse mais nada.

Orgulho-me de ser um homem culto. Não acredito no destino nem em nenhum desses disparates supersticiosos, contudo aqui estava eu, a justificar o meu comportamento impulsivo precisamente com base em tais pressupostos. Eu *tenho* de estar aqui, disse a mim próprio. Vira-me compelido a embarcar naquele avião. Não sabia porquê. Tinha visto com os meus próprios olhos a Natalie casar com outro

homem e ainda hoje não era capaz de aceitar isso. Persistia a necessidade intrínseca de um desfecho. Seis anos atrás, a Natalie tinha terminado o relacionamento comigo, deixando-me um bilhete em que dizia que ia casar com o antigo namorado. No dia seguinte, recebi um convite para o casamento. Não era de admirar que subsistisse a sensação de... incompletude. Agora estava aqui na esperança de encontrar, se não o desfecho, pelo menos a completude.

É impressionante o que somos capazes de maquinar quando queremos mesmo alguma coisa.

Mas o que é que eu queria aqui, exatamente?

Terminei a minha bebida, agradei à empregada gira e dirigi-me para a capela em passo prudente. Mantive-me à distância, claro está. Posso ser terrível, insensível e egocêntrico, mas não ao ponto de me intrometer quando uma viúva leva o marido a enterrar. Permaneci atrás de uma árvore grande — um palmito, que mais poderia ser? —, sem me atrever a mais do que uma espreitadela aos enlutados.

Quando ouvi o hino de abertura, calculei que o caminho estaria livre. Um olhar rápido confirmou a minha suspeita. Agora estavam todos no interior da capela. Segui para aí. Conseguia ouvir um coro de *gospel* a cantar. Eram, numa palavra, magníficos. Sem saber ao certo o que fazer, tentei abrir a porta da capela, percebi que estava destrancada (dah!), e empurrei-a. Baixei a cabeça ao entrar, levando uma mão ao rosto como se estivesse a coçar-me.

Um belo disfarce, sem dúvida.

Mas não era necessário. A capela estava à pinha. Permaneci ao fundo, de pé, junto a outros enlutados que chegaram tarde e não conseguiram encontrar lugar. O coro terminou o animado hino e um homem — que não sabia se era pastor ou padre ou outra coisa qualquer — subiu ao púlpito. Começou a falar de Todd como um «médico prestável, bom vizinho, amigo generoso e maravilhoso homem de família». Médico. Isso eu não sabia. O homem discorreu de forma eloquente sobre as qualidades de Todd — o seu trabalho de caridade, a personalidade cativante, a generosidade de espírito, a capacidade de fazer com que cada pessoa se sentisse especial, a disponibilidade para arregaçar as mangas e deitar mãos à obra sempre que alguém, desconhecido ou amigo, precisasse de uma ajuda. Desvalorizei o discurso, interpretando-o como uma narrativa fúnebre familiar — temos uma tendência natural para sobrevalorizar os defuntos —, mas via lágrimas

mas nos olhos dos enlutados, reparava no modo como anuíam com a cabeça ao compasso das palavras, como se fossem a letra de uma canção que apenas eles conseguiam ouvir.

Do sítio onde estava, ao fundo, tentei que a minha vista alcançasse a parte da frente da capela, à procura da Natalie, mas havia demasiadas cabeças a estorvar a visibilidade. Não queria dar nas vistas, pelo que parei. Além disso, já tinha entrado na capela e olhara em volta e inclusive ouvira as palavras de louvor ao falecido. Isso não era suficiente? Que mais havia para fazer aqui?

Era altura de sair.

— O nosso primeiro elogio — disse o homem no púlpito — será feito por Eric Sanderson.

Um adolescente pálido — diria que com cerca de 16 anos — levantou-se e encaminhou-se para o púlpito. O meu primeiro pensamento foi que Eric talvez fosse sobrinho de Todd Sanderson (e, por arrastamento, da Natalie), mas esse pensamento foi prontamente destruído pela frase de abertura do rapaz.

— O meu pai era o meu herói...

Pai?

Precisei de alguns segundos. As nossas mentes têm o hábito de seguir por determinadas vias sem serem capazes de se desviar delas. Quando era miúdo, o meu pai propôs-me uma velha adivinha cuja solução achava que eu não seria capaz de encontrar. «Um pai e um filho têm um acidente de automóvel. O pai morre. O rapaz é levado de imediato para o hospital. No bloco operatório, o cirurgião diz: “Não posso operar este rapaz. É meu filho.” Como é que isso é possível?» Quando falo em vias, é a isto que me refiro. Presumo que, para a geração do meu pai, esta adivinha fosse ligeiramente difícil de solucionar, mas, para pessoas da minha idade, a resposta — o cirurgião era a mãe — era tão óbvia que me lembro de ter rido alto e em bom som. «O que é que vem a seguir, pai? Vais começar a usar o teu leitor de cartuchos?»

Aqui passava-se algo semelhante. Perguntei-me como podia um homem que só estava casado com a Natalie há seis anos ter um filho adolescente? Resposta: Eric era filho de Todd, não da Natalie. Ou Todd fora casado antes de se juntar à Natalie ou, não tendo sido casado, tivera um filho com outra mulher.

Tentei uma vez mais ver a Natalie na fila da frente. Estiquei o pescoço, mas a mulher postada a meu lado soltou um suspiro exasperado

por lhe ter invadido o espaço. Lá em cima, no púlpito, o filho de Todd, Eric, arrasava. As suas palavras eram belas e comoventes. Não havia um único olho seco em toda a capela, à exceção, bom, dos meus.

Então e agora? Limitava-me a ficar aqui estacado? Apresentava os meus cumprimentos à viúva e, quê, deixava-a confusa ou arruinava-lhe o dia de luto? E o meu velho eu egoísta? Queria mesmo voltar a ver o rosto dela, vê-la chorar pela perda do amor da sua vida?

Não me parece. Espreitei o relógio. Tinha marcado o voo de regresso para esta noite. É isso mesmo: entrada e saída rápidas. Nada de confusões, nada de espalhafatos, nada de pernoitar, nada de custos de estada. Desfecho em conta.

Pessoas haveria que diriam o óbvio acerca de mim e da Natalie — ou seja, que eu tinha idealizado o tempo que passáramos juntos sem o mais pequeno laivo de racionalidade. Compreendo essa posição. Sendo objetivo, consigo perceber a validade desse argumento. Todavia, o coração não é objetivo. Eu, que venerava os grandes pensadores, teóricos e filósofos do nosso tempo, jamais desceria tão baixo ao ponto de usar um axioma tão banal como «simplesmente sei». Mas a verdade é que *sei*. Sei o que a Natalie e eu fomos. Consigo vê-lo através de olhos lúcidos, sem o mais ínfimo borrão, e, por causa disso, não sou capaz de avaliar aquilo em que nos tornámos.

Em suma, continuo sem perceber o que nos aconteceu.

Quando Eric terminou e tomou o seu lugar, sons de fungadelas e suaves soluços ecoaram através da reluzente capela branca. O sacerdote que presidia ao funeral regressou ao púlpito e fez uso do universal gesto de mãos que indicava «levantai-vos». Quando a congregação começou a levantar-se, aproveitei o momento para me esgueirar da capela. Fiz o percurso em sentido inverso, de regresso ao palmito que me servira de escudo. Encostei-me à bagageira, permanecendo fora do campo de visão de quem saísse da capela.

— Está tudo bem consigo?

Voltei-me e vi a empregada do bar gira. — Estou ótimo, obrigado.

— Grande homem, o médico.

— Sim — disse-lhe.

— Vocês eram chegados?

Não respondi. Poucos minutos depois, as portas da capela abriram. O caixão foi transportado sob o sol abrasador. Quando se aproximou do carro fúnebre, os transportadores do caixão, um dos quais era o filho, Eric, colocaram-se em redor do caixão. Uma mulher com um

grande chapéu preto saiu a seguir. Tinha um dos braços em volta dos ombros de uma rapariga cuja idade rondaria os 14 anos. Um homem alto postou-se a seu lado. Ela inclinou-se para ele. O homem parecia-se um pouco com Todd. Presumi que seriam o irmão e a irmã dele, mas era apenas um palpite. Os transportadores ergueram o caixão e fizeram-no deslizar pela parte traseira do carro fúnebre. A mulher do chapéu preto e a rapariga foram acompanhadas até à primeira limusina. O talvez-irmão alto abriu-lhes a porta. Eric entrou a seguir. Entretanto, vi o resto dos enlutados começar a sair.

Até agora, nem sinal da Natalie.

Vi nisso apenas uma ligeira estranheza. Já tinha assistido às duas versões. Por vezes, a esposa era a primeira pessoa a sair, seguindo atrás do caixão, às vezes com uma mão pousada sobre ele. E, por vezes, era a última, esperando que a capela ficasse vazia antes de enfrentar a travessia da nave central. Lembrava-me de que a minha mãe não quisera estar com ninguém no funeral do meu pai. Tinha chegado ao ponto de desaparecer por uma porta lateral para evitar a multidão de familiares e amigos.

Assisti à saída dos enlutados. A sua dor, como o calor do Sul, transformara-se numa coisa viva que respirava. Era genuína e palpável. Estas pessoas não estavam aqui por mera cortesia. Nutriam afeto por este homem. Sentiam-se abaladas pela sua morte, mas, também, o que é que eu podia esperar? Que a Natalie me trocasse por um falhado? Não era melhor tê-la perdido para este adorado médico do que para um imbecil com bronzado de solário?

Boa pergunta.

A empregada do bar continuava postada a meu lado.

— Como é que ele morreu? — sussurrei.

— Não sabe?

Abanei a cabeça. Fez-se silêncio. Virei-me para ela.

— Assassinado — disse.

A palavra pairava no ar húmido, recusando-se a ir embora. Repeti-a.
— Assassinado?

— Sim.

Abri a boca, fechei-a, tentei de novo. — Como? Quem?

— Foi alvejado, acho. Não sei bem essa parte. A polícia não sabe quem foi. Suspeitam que tenha sido um assalto que correu mal. Sabe como é, um tipo forçou a entrada sem saber que estava gente em casa.

Um torpor imiscuía-se agora. O fluxo de pessoas que saía da capela terminara. Cravei os olhos na porta e esperei que a Natalie emergisse.

Mas ela não apareceu.

O homem que presidira ao serviço saiu, fechando as portas atrás de si. Entrou por uma das portas do carro fúnebre, que arrancou de imediato. A primeira limusina seguiu atrás.

— Tem uma saída lateral? — perguntei.

— Desculpe?

— A capela. Tem mais alguma porta?

Franziu o sobrolho. — Não — disse. — Aquela é a única porta.

O cortejo fúnebre estava agora em andamento. Onde diabo estava a Natalie?

— Não vai ao cemitério? — perguntou-me a empregada do bar.

— Não — respondi.

Pôs uma mão no meu antebraço. — Está com ar de quem precisa de uma bebida.

Era difícil refutar aquelas palavras. Segui atrás dela em direção ao bar, meio aos cambaleios, e quase desabei sobre o mesmo banco que ocupara antes. Serviu-me mais um uísque escocês. Mantive o olhar fito no cortejo, na porta da capela, na pequena praça da cidade.

Nem sinal da Natalie.

— Chamo-me Tess.

— Jake — repliquei.

— Então, de onde é que conhecia o doutor Sanderson?

— Estudámos na mesma universidade.

— A sério?

— Sim. Porquê?

— Você parece mais novo.

— E sou. Fomos alunos em anos diferentes.

— Ah, OK, assim faz sentido.

— Tess?

— Sim?

— Conhece a família do doutor Sanderson?

— O filho dele, o Eric, já namorou com a minha sobrinha. É um bom rapaz.

— Que idade é que ele tem?

— Dezasseis, talvez dezassete. Mas que tragédia. Ele e o pai eram tão chegados.

Não sabia como abordar o assunto, portanto limitei-me a perguntar:
— Conhece a mulher do doutor Sanderson?

Tess levantou a cabeça. — Você não?

— Não — menti. — Nunca a conheci. Eu e o doutor Sanderson só nos encontrávamos nalguns eventos da universidade. Ele ia sempre sozinho.

— Parece-me muito emocionado para alguém que só se encontrava com ele em alguns eventos da universidade.

Não sabia como responder àquele comentário, pelo que sorvi um longo trago para tentar ganhar algum tempo. Depois disse: — Só perguntei porque, bom, não a vi no funeral.

— Como é que sabe?

— Desculpe?

— Acabou de dizer que nunca a conheceu. Como é que sabe se ela estava ou não no funeral?

Pá, era mesmo mau nisto, não era? — Vi fotografias.

— Não deviam ser lá muito boas.

— Como assim?

— Ela estava lá. Saiu logo a seguir ao caixão, juntamente com a Katie.

— Katie?

— A filha deles. O Eric era um dos transportadores do caixão. Depois o irmão do doutor Sanderson saiu com a Katie e a Delia.

Lembrava-me deles, claro. — Delia?

— A mulher do doutor Sanderson.

A minha cabeça começou a andar à roda. — Pensava que o nome dela era Natalie.

Cruzou os braços e franziu-me o sobrolho. — Natalie? Não. O nome dela é Delia. Ela e o doutor Sanderson eram namorados desde os tempos de liceu. Cresceram juntos, mesmo ali ao fundo da rua. Estão casados há séculos.

Limitei-me a fitá-la.

— Jake?

— Sim? — disse-lhe.

— Tem a certeza de que não se enganou no funeral?